



Artistas de Paris: Mademoiselle COLONNA ROMANO

(Cliché Reutlinger).

II série — N.º 518

Assinatura para Portugal, colônias portuguesas e Hespanha:	Trimestre 1\$20 cty.
	Semestre 2\$40 ..
	Ano 4\$80 ..
Numero avulso, 10 centavos	

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 24 de Janeiro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

REMINGTON
UMC

CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44

Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington - UMC teem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manaus

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, qulromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Galt, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis. 2\$500 e 5\$000 réis

HEMORRHOIDAS -- ECZEMA

Doenças de Pelle
UNGUENTO FOSTER

Remedio soberano contra: hemorrhoidas; eczema; herpes; impingens; comichão; manchas vermelhas na cara; urticaria; crostas de humores; erupções; picaduras de insectos; borbulhas e tumores furunculosos; frieiras; gretas; varicela globulosa; impetigo; ascarides ou pequenos vermes que apparecem no anus das creanças; e outras affecções da pelle.

O Unguento Foster encontra — se á venda em todas as farmacias e drogarias, a 800 Rs. cada boião; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

FOTOGRAFIA

Renlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

REMEDIO FRANCES



Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
85, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com 2 Frascos.

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão á venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1915 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótmo effeito.

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração d'O SECULO

RUA DO SECULO, 43
SBOA

Guitry

Guitry está dando as suas ultimas recitas no teatro Republica. Veiu, na tarefa de todo o bom francez, dar-nos um pouco do claro e amavel genio da França, difundir a França, espalhar a França... E' um dever a que não se eximem os grandes artistas. Sarah Bernhardt, quando era Sarah e quando era Bernhardt, partia periodicamente



do seu teatro de Paris, para ganhar muito dinheiro e para ir «montrer la France aux sauvages»; e lá ia por todas as republicas exoticas do sul-americano, entre platéas de Botecudos, de Polynesios talvez, mostrar a França aos selvagens. Depois d'ela outros illustres artistas percorreram

o mundo representando, quer para os selvagens, quer para aquele publico mais difficil que se não imagina caraíba. Ha ainda gente que se admira porque estamos constantemente a esbarrar com a França no livro, no teatro, na cosinha e na roupa branca. E em que pode isso espantar-nos se é a França que vem ter connosco na edição popular e na «tournée» circulatoria! Guitry veiu agora dar-nos mais uma demão de francesismo. Continúa a ser magnifico: muito alto, muito grande, muito francez, «un monolithe pour les sauvages, quoi!...»

A repressão do jogo

Dizem os jornaes que um agente da policia de investigação está elaborando uma lista de quantos individuos vivem, em Lisboa, do jogo, para se organizar no governo civil um cadastro especial a seu respeito. E' possivel que isto seja uma medida de largo alcance, mas é, indubitavelmente, uma larga injustiça. Deve haver, ha, com certeza, individuos, nesta classe, que á policia seja conveniente conhecer. Mas que dizer daqueles que



vivem do jogo porque são empregados nele e tem, na maioria dos casos, horror por esse vicio? Desde que um homem recebe do

seu patrão umas tantas placas pelo trabalho de deitar um dado ou deixar escorregar uma bola, deve, por isso, ser tratado como um pestifero? Reprima-se o jogo, se fôr possivel fazel-o mas não se faça uma perseguição acintosa aos seus empregados. E' um modo de vida como outro qualquer e aqueles que o julgam deprimente são, por via de regra, os que tem a sorte de exercer a sua atividade em outros trabalhos. Não tenho essa profissão, mas não me envergonharia dela se fosse a minha. Ha uma diferença consideravel entre o jogador e o empregado do jogo: um estraga o seu dinheiro

como lhe apetece—mas o outro ganha a sua vida como pode.

Uma interprete de Wagner

A illustre cantora Maria Judice da Costa que, juntamente com Tamagno e Kaschmann, leyvou, com raro brilho, o seu nome de portugueza desde a Russia até ao Mexico, uma das mais interessantes interpretes do «Anel dos Nieblungen», pensa em realizar uma serie de concertos wagnerianos precedidos de conferencias sobre a vida e obra



do mestre alemão. E' uma bela e grande idéa que terá, com certeza, a coadjuvação das nossas orquestras Blanch e David de Sousa, para a qual a distinta artista concorre d'uma fôrma efetiva com a sua voz e a sua linha, que fazem d'ela uma Brünhild encantadora debaixo de todos os pontos de vista. Não é vulgar uma Siegmunda portugueza que traz consigo o apoio e o aplauso de meia Europa; seria uma excelente idéa a realizar e a encorajar, agora que Wagner

é universalmente aceite e sem duvida traria á sua autora os mais rasgados e merecidos elogios.

O delirio da bota

Um «bottier chic» de Lisboa anuncia nas suas réclames, «rendez-vous» elegantes d'uma profusa clientela, duas vezes por semana, no seu estabelecimento. Que vae toda essa gente fazer á loja do negociante de cabedades? Falar de botas, calçar botas, evidentemente. E' hoje, pelo visto, um cuidado primario. A moda não fez reviver ainda as botas da duqueza de Portsmouth que fizeram as delicias de certos elegantes perversos na côrte de Carlos II, mas vae já resuscitando o genero Benoiton, todo o luxo lascivo e caprichoso de um pé que, segundo se vê,

não serve unicamente para andar. Toda a gente fala de botas, toda a gente discute botas... E, na verdade, pelo corte quimerico, pela altura inverosimil, pelo preço desmedido,—elas atraem a atenção. Todos nós nos surpreendemos a mirar aqueles feios canudos que circulam (ás vezes em lindos pés, «ma foi!») empoleirados nuns enormes tacões que nem sequer tem a graça concisa e elegante do velho salto á Luiz XY. As mulheres desvairam—exclama um moralista, meu amigo. Engano; defendem-se. Somos nós, homens, que deliramos—sobretudo quando lhes damos dezoito mil réis... para um par de botas!



MARIO DE ALMEIDA.



o último romântico

Ao entrar nessa noite na sua solitária vivenda de solteirão, Manuel encontrou sobre a meza do escritório, junto duma jarra de cristal onde agonisavam azuleiras brancas, uma carta que viera pelo correio. Entalou a ponta do charuto nos dentes, pousou a bengala de castão de ouro, tirou o chapéu, descalçou as luvas e, rasgando indolentemente o envelope, procurou em vão uma assinatura que não encontrou. Escrevia-lhe um anonimo. Para o avisar da infidelidade de alguma das suas amantes? Para fazer-lhe uma ameaça? A duvida acirrou-lhe a curiosidade: e, sentando-se numa cadeira estofada, encetou repousadamente a leitura das poucas linhas enegrecidas de tinta. Um frio riso de sarcasmo iluminou-se-lhe na boca de lábios delgados e palidos: e foi serenamente que atirou para o cesto de vime que tinha junto de si, depois de o amarrotar nas mãos magras e de longos dedos, esse pedaço de papel inerte. Era uma ameaça, com efeito! Alguem, um desconhecido, movido por sentimentos ignorados, avisava-o secamente de que, se continuasse as visitas noturnas ao jardim duma casa que ficava distante da cidade, onde ia tres vezes por semana, galopando por caminhos desertos sobre o dorso dum cavalo, podia muito bem encontrar na sua jornada a morte em vez do amor...

Manuel tinha então trinta anos, era audaz, forte, bravo. Todas as manhãs, antes do almoço, em seguida ao banho frio que o tonificava, fazia duas horas seguidas de esgrima: e, como possuía fortuna, dividia o seu tempo pelos prazeres da boémia elegante e pela adoração das mulheres. Não o atormentavam curiosidades de espirito e de inteligência, que jovialmente classificava de estopadas. No seu gabinete de trabalho, em vez de livros, de quadros, de marmores, da beleza criada pelos poetas, pelos romancistas, pelos estatuarios, pelos pintores, em que podesse repousar um momento os olhos cansados, existiam retratos femininos sorrindo convencionalmente, e massas de cartas amorosas, catalogadas e numeradas por sua ordem. Aos amigos que o visitavam costumava dizer, com alegria:

—Aqui tenho eu a minha biblioteca e a minha galeria de pintura. A's especulações filosoficas ou scientificas, perfito o lirismo. Ora, as mulheres são os maiores liricos de toda a arte humana. Aquelas que não sabem exprimir emoções pela musica do verso, nem por isso deixam de ser as grandes inspiradoras. Laura, Virginia, Catarina de Ataide, a Joaquina do Vale de Santarem, Mimi Pinson, não desaparecem facilmente da historia... Que vos parece?

—Parece-nos que estás na verdade! — respondiam os amigos, entre gargalhadas.

—E' claro que estou!...

E placidamente, sem um entusiasmo mais caloroso e uma palavra mais viva, indicando os retratos, pregados no estofado da parede, com a ponteira da badina, narrava o idilio perpetuado por caia uma das efígies inexpressivas e banaes.

—Vejam ésta, por exemplo. No doce tempo em que a conheci e com ela passei de braço dado pelas verdes e floridas campinas que Florian cantaria em soluçantes estrofes, chamava-se Elvira—não a Elvira de D. João nem a Elvira de quem Lamartine, num poema lamecha, comparou a palidez da face á palidez da lua, mas Elvira de Menezes. Tocava no piano a *Suplica á Virgem*, lia os *Ciumes de Bardo* e bordava a missanga. Amámo-nos muito; mas um dia, quando a nossa ternura resvalou para o escândalo— porque não ha virtude que resista ao tempo— uma bengala fraterna acabou, providencialmente para mim, com o arroubo sentimental, de que se salvou apenas o retrato.

—E depois?

—Depois, acabou tudo! Não sei o que foi feito dela, porque não costumo entregar-me a investigações de arqueologia amorosa.

Acendendo um charuto, cinicamente Manuel continuava:

—Com esta Adelaide—Adelaide de Mendonça— estive eu para casar. Pelo menos, assim lho prometi naquela hora inolvidavel em que, como Paulo e Francesca, nós ambos liamos, no mesmo livro, a meiga historia de Lanceloto... Não sei, porém, que complicações surgiram, que não poude cumprir as promessas.

—E' admiravel!—bradaram, em côro, os companheiros.

Nas m'nhas paixões tudo é admiravel e nada existe de trivial.

—Mas revela-nos o segredo dos teus triunfos, homem feliz!...

— Não se ensina ninguem a triunfar. Vence-se pelo proprio esforço, por dons que nascem conosco, por qualidades intransmissiveis. Primeiro, é preciso saber...

—Mentir!

—Assim mesmo! Em amor, a mentira dos que aspiram á conquista, é indispensavel. Pela verdade, embora isso vos pareça paradoxal, nunca se renderam corações. Mentir, mentir sempre, eis a fórmula!...

— E que fazes tu ás iludidas?

—Faço-lhes isto: — eterniso-as pe'a fotografia. Meninos, mais tarde, quando chegarem as tristezas, as amarguras da invalidez, as decadencias irremediaveis, a gota, o reumatismo, será suave viver de recordações e ter presentes as imagens lindas que se amaram. As boas e ingenuas raparigas que ornamentam este compartimento, transformar-se-hão nos meus espectros inefaveis daqui a vinte anos. Piedosamente conviverei então com elas...

— Devemos confessar que tens espirito e tens ironia! — murmuravam os esturdios, lisonjeando-o.

— Sois simplesmente equitativos e justiceiros — concluía Manuel, sorrindo.

Aconchegando-se na sua cadeira de braços e de

flácidas molas, de pernas estendidas, com as mãos por detrás da cabeça tombada para a frente, Manuel cismava, deixando errar a vista pelas fotografias pendentes das paredes. A carta, longe de assustá-lo, mais lhe avivára na memória e no desejo a confiante mulher que, em certas noites, ia vê-lo, para colher da poeira a flôr pura que ela deixava cair do balcão alto. Encontrára-a, uma vez, no teatro, entre a mãe e o pae, um homem de austera frente e barbas encanecidas, e logo se apaixonára perdidamente. No meio da velhice, a sua mocidade virginal e a sua adolescência de primavera esplendiam. Durante a representação, não tirára os olhos do camarote em que ela estava, aureolada pela massa dos cabelos louros, iluminada pelos jogos de luz das pedrarias que acendiam faiscões no seu colo ondulante e alvo de graça real. Ao descer do pano, esperou no átrio que ela saísse e seguiu-a até ao hotel onde se tinha hospedado com a família. Corrompeu os criados e soube-lhe o nome. Chamava-se Margarida, tinha dezoito anos e vivia numa quinta a curta distancia da cidade. Daí em diante, dirigiu os seus passeios, a cavallo, para os lados do sitio tranquillo onde ficava a morada da desconhecida — e o namoro começou, primeiro em cartas ardentes, delirantes, duma literatura absurda com que Manuel subtilmente sabia falar ás almas candidas, e mais tarde em



conversas fóra de horas, no misterioso silencio da noite favoravel aos que amam. Margarida esperava que a sua vivenda adormecesse, que todos os ruidos se calassem, e abrindo mansamente a janela do quarto, que respirava para o jardim, ali permanecia, friorenta e embrulhando-se em pesadas, moles peles, sob as estrelas, dialogando com Manuel, como outrora, em Verona, Julieta dialogava com Romeu, até que os rouxinolos despertassem nas romanzeiras em flôr ou que as cotovias, batendo as azas no azul, saúdassem, com o seu canto vibrante, o alvorecer da madrugada. Eie chegava já quando, pelas encostas ou pelos vales, os casaes e as granjas dos lavradores repousavam, prendia o cavallo, pelas redeas, ao tronco d'uma arvore, apertava nervosamente na mão a coronha da pistola Browning, saltava o muro da quinta e lentamente, como um ladrão, espiondo as espessuras no temor de subitas, imprevistas ciladas, aproximava-se de Margarida, que lhe falava em voz baixa e tremula de comoção. Este capricho passional aos trinta anos, na idade

em que já se evocam saudosamente as recordações das felicidades extintas, exerceu uma acção profunda na psicologia de Manuel. Deixára de aparecer na roda jovial dos amigos, de associar-se ás ruidosas ceias com flôres, «champagne» e mulheres de viço queimado cantando á guitarra os fados da fatalidade lusitana, mostrava-se preocupado e melancolico, o que intrigava os que o haviam conhecido alvoroçadamente alegre, impulsivo, esquecendo mais depressa as amantes dum dia do que as rosas frescas que lhe murchavam na lapela do *frak*. Que seria? Bento da Silveira, o sagaz psicologo do grupo, quiz explicar a transformação repentina que em Manuel se operára, dizendo:

— Temos duas coisas importantes a considerar

neste fenomeno: — o amor e a tenia. São dois factores de natureza diversa, mas ambos notaveis, para as perturbações num temperamento como o do nosso pobre amigo. Não se mostra, não ha quem o veja, esconde-se, suspira, tem longas vigílias, fomes de estomago e de ideal? Ou ama intensamente ou a bicha solitaria lhe empobrece o organismo!

— Procuremos, portanto, um remedio heroico que o liberte! — aconselhou o estouvado Tristão, que atirava ao vento os derradeiros punhados de ouro de uma avultada herança.

— Já o encontrei — acudiu Bento, soprando á brisa o fumo da sua cigarrilha turca. Ou menina ou pevides de abobora. Qualquer destes dois medicamentos, que actuam, o primeiro sobre o coração, directamente, o segundo sobre o intestino, é maravilhoso!

E logo ali decidiram, entre furiosa gritaria, procurarem Manuel, obrigando-o a tratar-se. Ele, porém, não os recebeu, isolando-se ainda mais para que o não interrompessem na doçura das suas *revéries*.

A carta anonima prevenindo-o de supresas tragicas durante as suas caminhadas noturnas, tinha-a Manuel olvidado completamente. Possuia uma confianca absoluta no seu destino amoroso, que nunca o traíra, e nas balas da sua pistola, que sempre o acompanhava nas vagabundagens a deshoras, atravez de atalhos, de matagas, de brenhas agrestes, que nenhum ser vivo humanisava com a sua presença. Embuçado no farto capote, com o chapeirão de feltro carregado sobre os olhos, as redeas firmes na mão, os pés bem fixados nos estribos, a braza de charuto ardendo na boca, afrontava os fantasmas da sombra altivamente, avançando sem um estremeimento, sem um desmaio de coragem. Era pontual ás entrevistas realizadas na solidude do jardim de Margarida, que no encanto, na embriaguez dum amor que nunca experimentára, tinha para ele a beleza estranha da Ilha da Ventura que tantas vezes idealisára e onde as flores nunca se fanavam, rescendendo ao vento brando sob um ceu continuamente azul. Desde que nele penetrava e vislumbra o vulto timido de Margarida curvado sobre o peitoril da janela, era como se penetrasse na região lendaria da Graça, onde se ignorava o ardor das lagrimas, o travor dos vastos males, a angustia permanente das almas, a infinita e irremediavel desgraça que deriva do fundo mar da dôr. Ela era inocente e casta, tinha adoraveis delicadezas e a luz dos seus olhos, purificada e brilhante, fazia erguer uma aurora no peito de Manuel. Não conseguira, porém, que Margarida descesse ao jardim, confiasse uma fragilidade enternecedora á sua força e á sua proteção.

—Porque não havemos de falar assim?.. Tenho medo, muito medo!—respondia e'a, ás suas desesperadas sollicitações.

—Medo de mim?—perguntava ele, amimando a voz. Medo de mim, que apenas vivo para ti, para a tua felicidade?

—Não, que idéa!—interrompia Margarida. Se fivesse medo de ti, não me encontravas neste lugar. Assustame a noite, o receio de que nos surpreendam. Na quinta ha criados. Pódem acordar chamar o papá...

—Bem sei! Não me amas!

—Não te amo?

—Não! O verdadeiro amor não receia, não sabe fazer calculos.

—Mas és injusto, injusto! Tem pena de mim!...

Já Manuel cogitava nos meios de escalar a janela, de aperta-la nos seus braços, de esmagar-lhe a boca virginea com um beijo imaterial, longo, ansioso em que se exalasse toda a sua emoção e que apagasse a febre volutuososa que o devorava, quando Margarida, por fim, cedeu ás suas supplicas. Fechando vagarosamente as vidraças, para não produzir ruído, abafou-se numa manta preta e veiu, de coração palpitante e rosto abraçado, encontrar-se com Manuel perto dos choiões, que derramavam a sua desgrenhada cabeügem verde á beira dum tanque cheio de agua transparente e morta.

—E' para que não me acuses mais!—exclamou ela, estreitando entre as suas as mãos de Manuel.

—Obrigado!

—Por ti, quero zombar de todos os perigos. Mas

respeita a veneração que te tenho e não me faças envergonhar de mim propria!

—Confia na honestidade do meu amor!...

A noite estava escura. A aragem enchia de murmuro a ramaria dos arvoredos. O rumor das folhas sobresaltava Margarida, que se agarrava nervosamente ao braço de Manuel, no seu lento passeio pelas alamedas areadas.

Ao longe, no silencio que pesava sobre a natureza mergulhada em quietude, latiam cães. Da sombra compacta, a cada momento irrompiam formas espectraes e hirtas de arvores acarvoadas na terra; mas, para os dois namorados, as horas que tão apressadamente fugiam tinham um sabor delectoso e um enlevo inenarravel. A serenidade envolvente comunicava a essas horas divinas uma suavidade e uma poesia incomparaveis...

Por fim, separaram-se com lentidão e a tristeza de todo o adeus. Margarida, arripiada de frio, reentrou em casa pela porta que dava para o jardim e que havia deixado cerrada; e subindo novamente á jane'a, despediu-se de Manuel que em baixo a saudava, tirando o chapéu e prendendo no peito a rosa branca que como sempre, ella colhia ao fim da tarde e lhe ofertava como uma promessa de constancia naquela ternura que era a sua illusão suprema e a sua suprema esperanza. Depois, saltando o muro, tomou as redeas do cavallo, montou e partiu a galope, como um cavaleiro-trovador. Durante muito tempo Manuel entregou-se á idealiação do fino amor que o absorvia e que á sua sequiosa anciedade emotiva trouxera a paz o contentamento, a vontade de viver. O misterio em que esse amor desabrochava como uma florescencia maravilhosa, mais concorria para a sua exaltação. O segredo, a escuridão, as marchas errantes, sob o palio fulgurante das estrelas, romanticavam-no.

Bruscamente, lembrou a carta anonima. Quem lhe teria escrito? Por certo um despeitado por desdens invenciveis ou alguém que quizera irritá-lo. Fosse quem fosse, não temia ninguém! Insensivelmente, tirára a pistola do bolso...

Corria agora por uma estreita veada esganada entre taludes cortados quasi verticalmente.

—Sitio propicio para uma traição e para uma cobardia! pensou.

Apezar de pretender dominar-se, agitava-o uma inquietação bizarra; mas galopava sempre.

—Alto!—bradou uma voz vinda do cabeço dum monte onde os pinheiros ramalhavam ao vento.

Manuel voltou-se na seia e neste instante recebeu em cheio, no peito, as balas dum cerrada descarga de fuzilaria. O cavaleiro tombou para o lado, escabujando sobre as pedras, emquanto o cavallo, espantado pelo estrondo dos tiros, seguia a desapoderado galope com os estribos balouçando na carreira e as crinas flutuando á brisa. O sangue, que escorria em borbotões dos buracos abertos pelas balas no corpo de Manuel, maculára a brancura da ultima rosa que lhe dera Margarida e que era, pouxada sobre o cadaver, uma simbolica flor de amor e de morte.

JOÃO GRAVE.



EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS



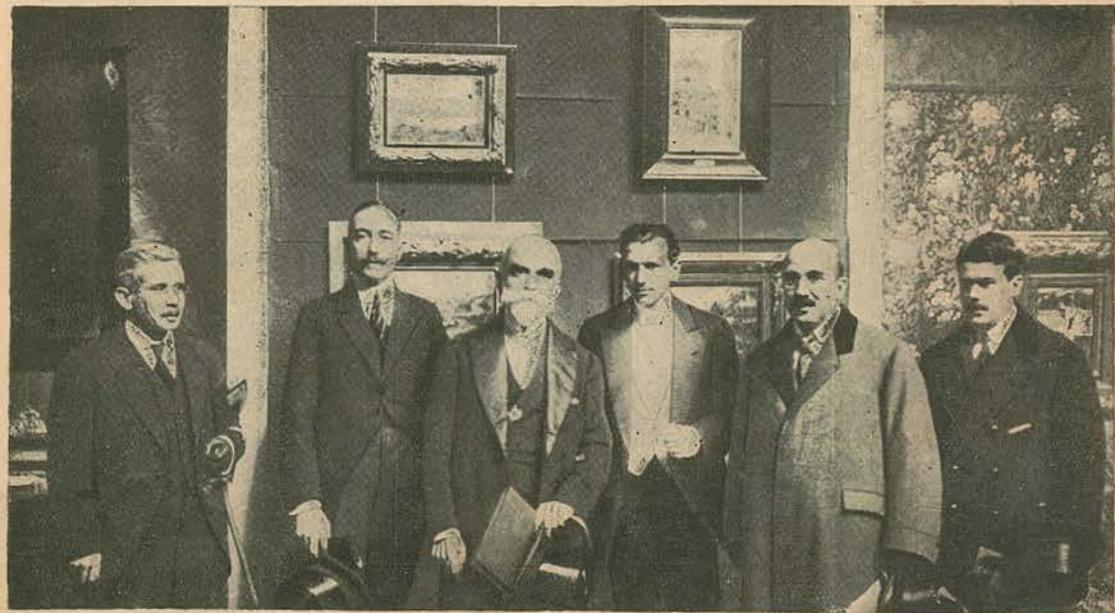
Mulher do campo

José Campas, essa compleição de artista que tão depressa se impôz ao publico pela maravilha dos seus quadros, escolheu mais uma vez o salão da *Ilustração Por ugueza* para uma nova exposição das suas brilhantes produções que, como as anteriores, veio pôr em relevo os dotes artisticos do eximio e joven



Uma rua na Carvoreira

pintor. A exposição, que tem sido muito concorrida pelo que de mais seletto existe na sociedade lisboeta, foi tambem visitada pelo sr. presidente da Republica, que adquiriu por 150 escudos o quadro "Doce enlevo", que já reproduzimos no numero anterior.



O sr. presidente da Republica em visita á exposição do distinto pintor sr. José Campas, tendo á sua esquerda o mesmo artista.

O GRANDE CASINO DO ESTORIL



O sr. presidente da Republica, acompanhado do sr. Martinet, presidente do governo e ministro da França.



O sr. dr. Bernardino Machado, lançando uma pá de cal sobre a primeira pedra do Grande Casino.

Com uma festa que decorreu brilhantissima, á qual presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, realisou-se a cerimonia do lançamento da primeira pedra para o grande Casino do Estoril, uma das mais monumentaes obras que se devem á iniciativa particular. Assistiu tambem o sr. dr. Afonso Costa, chefe do governo, general Corrêa Barreto, presidente

do Senado e do Congresso, o ministro da França, o sr. Luiz Barreto da Cruz, secretario da presidencia da Republica e as pessoas mais gradas do comercio e industria da capital. A direção da grande empreza, que ofereceu um delicado «lunch» aos seus convidados, no qual se trocaram brindes afetuosissimos pelos progressos do Estoril, foi muito felicitada.



Um aspecto do local onde foi lançada a primeira pedra

(Clichés Benoliel).

O Natal dos pequeninos na Horta



Grupo de alunas da Escola de Ensino Normal da Horta, Açores, trabalhando para o Natal dos pequeninos, festa promovida pelo diário *O Telegrafo*, da mesma cidade.

O importante diário da Horta, Açores, *O Telegrafo*, realizou pelo Natal uma festa dedicada às crianças que decorreu brilhantíssima e cheia de animação. A's crianças foram dados muitos brinquedos próprios para as suas edades e vestuários, que elas recebiam com aquela alegria infantil tão comunicativa que lhes é peculiar e que espalharam por toda a assistência que concorreu a tão delicada festa.

O nosso colega viu coroada do melhor exito a sua tentativa em prol das crianças, que nunca esquecerão as dadivas que receberam e as caricias e carinhos de que foram alvo n'esse dia tão festivo para as famílias.



Mademoiselle Odilia do Souto Corréa, promotora, em Santos, Brazil, de uma *quete* a favor do Natal dos pequeninos.



O edificio do diário *O Telegrafo* por ocasião da festa promovida pelo mesmo jornal

Despedida

*Meu filho, adeus... a vida de teu pae
Vae terminar. E' tua vez agora.
Não manches esta morte honrosa, vae...
Antes que a Patria brade em voz sonora.*

*Não chores, filho, não mereço um ai:
Sacrificio que muita gente ignora
Não custa a suportar... E' belo um pae
Deixar um filho... Mas, meu peito chora...*

*Tu és uma creança, a campa é escura,
E de lá não verei, não, os teus passos...
Serás traidor?!... Serás covarde?!... Jura!...*

*Não te convençam corações devassos,
Lembra-te de teu pae na Sepultura,
Jámais renegues os teus patrios laços...*

DUARTE CARVALHÃO.

(Do livro *A guerra na Belgica*).



A DANÇA

LIÇÃO PRÁTICA DE ELEGANCIA

O que foi hontem e como se ensina hoje.

Quando David, tendo construido para a Arca do Senhor condigno tabernaculo, aos filhos de Levi ordenou a sua trasladação solene, entre hinos e cantares e ao som de buzinas, trombetas, timbales, citaras e nablos, reza a Biblia que esse cortejo de respeito foi acompanhado por todo o Israei e que ao chegar a Arca á cidade de David, Micol, filha de Saul, olhando da janela e vendo que o rei vinha saltando e dançando, lá no seu coração intimamente o desprezou.

Mal fez a meu ver a orgulhosa Micol, pois que apenas de uma fé sincera eram testemunho os passos de bailar do jubiloso monarca, fé que foi a propria essencia, a expressão particular da Dança ao seu aparecer. Se pretendermos, de facto,

rebuscar a sua mais remota origem, por mais que pela historia vastissima das crenças humanas penetremos, forçoso nos é parar no culto egipcio onde a Dança nos aparece como a arte dos mimicos incumbidos de exprimir pelos seus gestos e atitudes, no decorrer das ceremonias religiosas, o misterio dos officios celebrados. A primeira Dança cuja tradição a pintura nos legou é naturalmente funeraria, sintetizando por assim dizer o movimento do principio vital, subindo ao céu com a morte do individuo, descendo depois ao tumulo para animar com uma segunda vida o corpo

Da mesma maneira, embora com outro sentido, as alegres Danças bachicas dos gregos eram parte integrante do mito religioso do deus do Vinho, como na florescencia do Imperio Byzantino o foram ainda do ritual funebre, como na Biblia o são de uma fé religiosa tão ardente e inquebrantavel como a do rei David, de tanto desagrado para a orgulhosa filha de Saul. Ritmo e harmonia da linha, complicado poema da elegancia da forma, da pureza da atitude, em todos os tempos e em todos os povos, na antiguidade como nos dias de hoje, a Dança, para cuja simbolisação os pagãos não olvidaram crear uma deusa, sempre teve sobre o fraco espirito dos

homens um estranho condão de subjugar e de vencer, capaz de triunfar de todos os obstaculos e de todas as vontades. Por uns passos voluptuosos de baile, mais talvez que pela beleza palpitante do seu corpo desnudado de virgem, ganhou Salomé a cabeça do Batista.

Pela mesma sugestiva languidez da Dança — o mais seguro meio de sedução feminina — cinco seculos antes de Cristo, Teodora, a filha de um obscuro guarda dos ursos do Hipodromo, trocou pelo manto de purpura violeta de Imperatriz a sua tunica transparente de bailadeira.

E isto se passou na velha Byzancio, e foi como nos velhos contos de fadas em que sempre um lindo principe, coberto de ouro e pedrarias, vem a desposar uma donzella da mais humilde condição.

Sedutoras creaturas as dançarinas de hoje (outros tempos!) se não podem já aspirar aos cetro e poderio de imperios têm contudo resumido direito áquele sonho legitimo, que é o seu constante sonho, tão pitores-



Demonstração de dança em puntillas



O minuette



Outro passo do minuette

embalsamado e ressuscital-o para a nova existencia do Além.

resumido direito áquele sonho constante sonho, tão pitores-

camente evocado n'uma aguarela celebre de Comer-



Atitude classica

re — a posse de um pequenino palacete mobilado como um ninho, carruagem ou automovel, muitas joias e muitas flôres, e um D. João, quasi sempre a pender para uma idade mais que madura, rendido de amores a seus pés e de uma condescendencia financeira capaz de transigir sem protesto com as mais exageradas contas da modista...

São as inevitaveis consequencias de uma civilisação democratica derubadora de tronos e de autocracias que só a autocracia feminina respeita quando pela beleza e pela graça ela consegue impôr-se...

Bailem embora descalças e semi-nuas as dançarinas de hoje, como essa Isadora Duncan, que na grande França fez escola; bailem a fantasia requintadamente artistica dos bailados russos, a graça ingenua das Danças historicas ou simplesmente a desgraça da valsa *choupée*, do tango argentino e do *pas de l'ours*, o desnaigado lubrico e eletrisante dos fandangos e boleros da Bela Imperio, ou simplesmente o feerico borboletear da dança serpentina que a Loie Fuller creou, certo é que, hoje como ontem, a Dança é ainda a mesma embriagante vertigem que arrasta inevitavelmente o homem na voluptuosidade de uns olhos negros e profundos como os da Napierkowska ou da brancura lactea de uns pés como os de Isadora, deslizando subitís sobre um tapete, pés que não seriam uma visão alada sem o ritmo do baile, olhos que não seriam um abismo sem a volúpia de umas atitudes de Tanagra arrebatadoras de beleza e de arte, sublinhadas pelo misterio indecifrável da Musica.

Invadiu tudo, a Dança, a cidade e as serras, a religião e a lenda. Marca a nota caracteristicamente regional dos povos, como entre nós o tão curioso bailado dos pauliteiros de Miranda, o vira, a caninha verde; a hora delirante da vitoria, como os batiques guerreiros dos povos africanos; cadenciados pelos tambores forrados de pele humana arrancada do corpo vencido do inimigo; é na Revolução franceza, a dois passos da guilhotina, a distração predileta dos presos aristocracias; têm diplomatico significado nos bailes das

embaixadas; mostra-se perversamente lubrica como

nos bailados do ventre orientaes, ou simplesmente pulha como nos *can-can*s europeus; é ainda hoje nos dominios da religião, como foi entre os egípcios para o culto de Osiris, a peregrinação de penitentes dançarinos á igreja de S. Willibrord, na cidade velha de Echternach, em homenagem ao santo por ter delgado outr'ora uma epidemia devastadora de *dança de S. Vito*; e, nos dominios do misterio, a ronda frenetica dos esqueletos, ao badalar da meia-noite, livres da algidez das mortalhas, chocando ossos ao luar na dança macabra entre lucilações de fogos-fatuos, a sarabanda de bruxas e duendes nos conciliabulos



Gesto classico

sinistros do sabbat, em volta do caldeirão classico fervendo sobre a fogueira antes do canto matinal do galo...

A educação das bailarinas de hoje — A travez do Curso de Dança do nosso Conservatorio.

Quem haverá ahi que arrancando hoje, por impiedoso descuido ou sacrilego proposito, em qualquer escuso recanto de museu, vozes apagadas de outras eras de qualquer velho cravo em repouso, não evoque a graça fidalga dos antigos airosos minuetes ou das languidas pavanas, de tão demorados compassos?

Essa mesma evocação saudosa tive-a eu ha dias, n'uma rapida visita ao nosso Conservatorio, na curiosidade de inquirir do funcionamento de um curso de Dança, muito embora ao cravo fidalgo se tivesse substituido o mais prosaico piano de quarto andar burguez e ás mãos ageis e esguias de uma scia,

carregadas de aneis faisca do pedrarias, os dedos ainda inhabeis de uma discipula da Escola de Musica acompanhando o baile.

Ah! mas o poder suggestivo da Dança vencia ainda uma vez a visão tão modernamente triste do ambiente...

Vestidas a caracter, de cabeleira empoada, as alunas Irene Neves, Maria Emilia Leitão, Maria Alice Ribeiro e Lilia Lopes, deslisa-



Atitude de bailado de Opera



Um dos passos do minuetto do D. João de Mozart

vam lentamente, de sorriso nos lábios, fresco e radioso sorriso de juventude, nas mesuras e garbosos passos do minuete do *D. João* de Mozart. A meu lado o poeta Julio Dantas, assestando um monoculo carinhoso, dizia-me com a sua autoridade de rebuscador de velharias e diretor d'aquela escola:

— Repare bem... E' uma lição de elegancia!

Pois esta lição de elegancia e de graça dá-a duas vezes por semana uma antiga professora de baile das companhias líricas de S. Carlos e do Coliseu, *la señora* Encarnacion Fernandez, que em boa hora Julio Dantas foi descobrir (quem o diria?) para um bailado russo do ultimo ato da peça de Gorki *Dans les bas-fonds*, em tempos interpreta-



Minuete

da como prova de exame pelos alunos da Escola da Arte de Representar. Mas era aquela apenas a parte historica do curso de tres anos, que tantos abrange a aprendizagem da Dança no nosso Conservatorio.

Destinado apenas ao teatro de Opera vem em seguida o curso anexo de bailarinas, das quaes Pepa Ruiz, Maria Puebla, Laura Guierres, Josefa Lloriente e Vitoria Ruiz, uma interessante creança de 9 anos, reproduzem agora o aereo e ligeiro *Bailado das Silfides*, de Weber, no *toutou* classico das dançarinas d'aquela especialidade, as pernas em roseo *maillot*, surgindo como pistilos de flôres da corola invertida da saia curta de tarlatana, pés irrequietenos calçados nas *pantorrillas* proprias de longas fitas cruzadas no artelho.

E, sucessivamente, por gentii deferencia da sua professora, de quem Julio Dantas me tece os maiores elogios, fazem, na barra de madeira, os exercicios dificeis de preparação para a Dança em *puntillas*, para a aprendizagem dos gestos, das atitudes, dos primeiros passos.

Não é já a historicidade da gavo-

ta, da pavana, do minuete, da fôfa e das folias, chacotas e ensaladas dos autos de Gil Vicente, o excentrico requebro do oitavado, do sarambeque, da chula, do canario, da zabel-macau...

E' a preparação lenta e dificiel, mas sabiamente estudada, com regras proprias de uma sensata ginastica muscular, para os bailados classicos da Opera, a nossa conhecida *Dança das Horas*, da *Giocanda*, por exemplo, ou o sugestivo bailado da *Salomé*, de Strauss.

— Qual a idade mais propria para iniciar a aprendizagem da Dança?

— Os nove anos, informa-me n'um meio hespanhol a habil professora.

Mas o curso admite alunas até aos vinte, idade em que já a Dança em *puntillas*, nas pontas dos pés, é particularmente dificiel, como m'o demonstra a graciosa discipula mais nova em contraste com as outras.

— *Ateacion!*

A regua de Encarnacion Fernandez bate de rijo no pequeno tablado novo sinal de entrada para os dois pares de Dança Historica.

E de novo alguns compassos do *D. João* de Mozart se evolvem do tempo aberto do piano, e os dois pares de cabeleira empoadada, pequeninas figuras de peraltas e sécias arrancadas ás marfineas varetas de um leque aguarelado por Wateau, deslissam lentamente, de sorriso nos lábios, fresco e radioso sorriso de juventude, nas mesuras



Exercícios na barra
Bailado das *Silfides*, de Weber

e garbosos passos de um minuete aristocratico de velhos, fugidos e saudosos tempos...

Oldemiro Cesar



Minuete

(Clíchés Benoliel).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Não ha exercicio que não façam as tropas de terra e mar para se adestrarem em todos os movimentos estrategicos e prevenirem todas as circunstancias em que tenham de se haver com o inimigo. Por mais extraordinario que ele pareça, não ha nenhum que nos possa causar tanta admiração, tanta surpresa, como é o de se fazerem tambem nos navios hospitaes exercicios para doentes e enfermeiros o abandonarem n'um determinado momento!

A isto os obriga a selvageria alemã que nada respeita, nem a bandeira branca, nem a cruz vermelha. As suas granadas, os seus obuzes chovem igualmente sobre os exercitos que os defrontam, como sobre as baracas onde se recolhem os feridos, sobre as ambulancias do serviço de saude, cheios de desgraçados, sobre os navios hospitaes. E tão repetidos se tornaram estes atos de incrive deshumanidade que se tornou necessario estar contra eles prevenido.



1. O abandono de um navio hospital, na hipotese de um ataque do inimigo — 2. Os canhões 75 contra os aviões



Revista a um regimento vencedor depois da batalha

Os ingleses nos seus navios hospitaes estão fazendo curiosissimos ensaios para o respectivo pessoal os abandonar nas baieiras e chalupas, não deixando ali um só ferido! Admiraveis tem sido os resultados d'esses ensaios, quer pela rapidez quer pela boa ordem e relativa comodidade com que os doentes são transportados das enfermarias para bordo das pequenas embarcações.

Não se registam até hoje quaesquer desastres graves n'esse mo-



No Aisne.—Cosinhas volantes simuladas
(Clichés da secção fotografica do ministerio da guerra francez, oferecidos á *Ilustração Portuguesa*)



Na frente da Itália.—Nos arredores de Monfalcone durante o tiro das baterias italianas de 149 milímetros

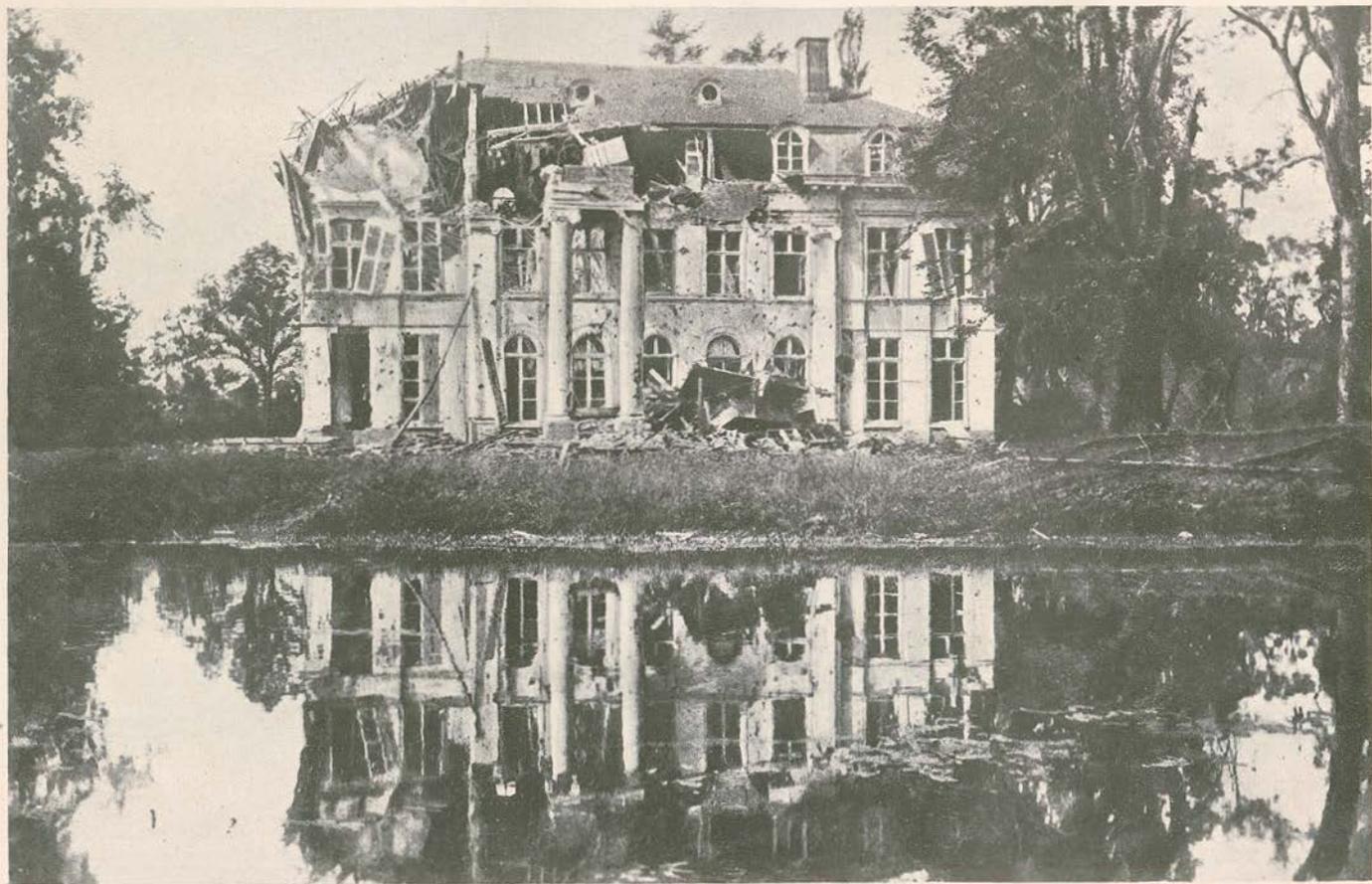
vimento de baldeação que tem de obedecer a tantos cuidados sem todavia se

perder tempo, pois que de uns minutos de demora pôde depender todo o seu éxito.



Na Servia.—Os austriacos conduzindo os camponeses esfomeados como bandos de animais, espicaçando-os com as baionetas

(Cliché Branger)



Castelo de Boesinghe, nos arredores de Ypres.—(Da *Ilustração Francesa*).

MOVIMENTO MILITAR EM LONDRES



TOMANDO O ONIBUS

Quer com o voluntariado, quer depois de decretado o serviço do recrutamento obrigatório, o caso é que nas ruas de Londres, desde que começou a guerra, nunca mais se deixou de presenciar o movimento entusiástico

dos que partem para os campos de batalha. A partida de tropas, a despedida de soldados tornaram-se tão familiares que essas cenas já não comovem nem provocam lágrimas e gritos de saudade como a princípio. Hoje

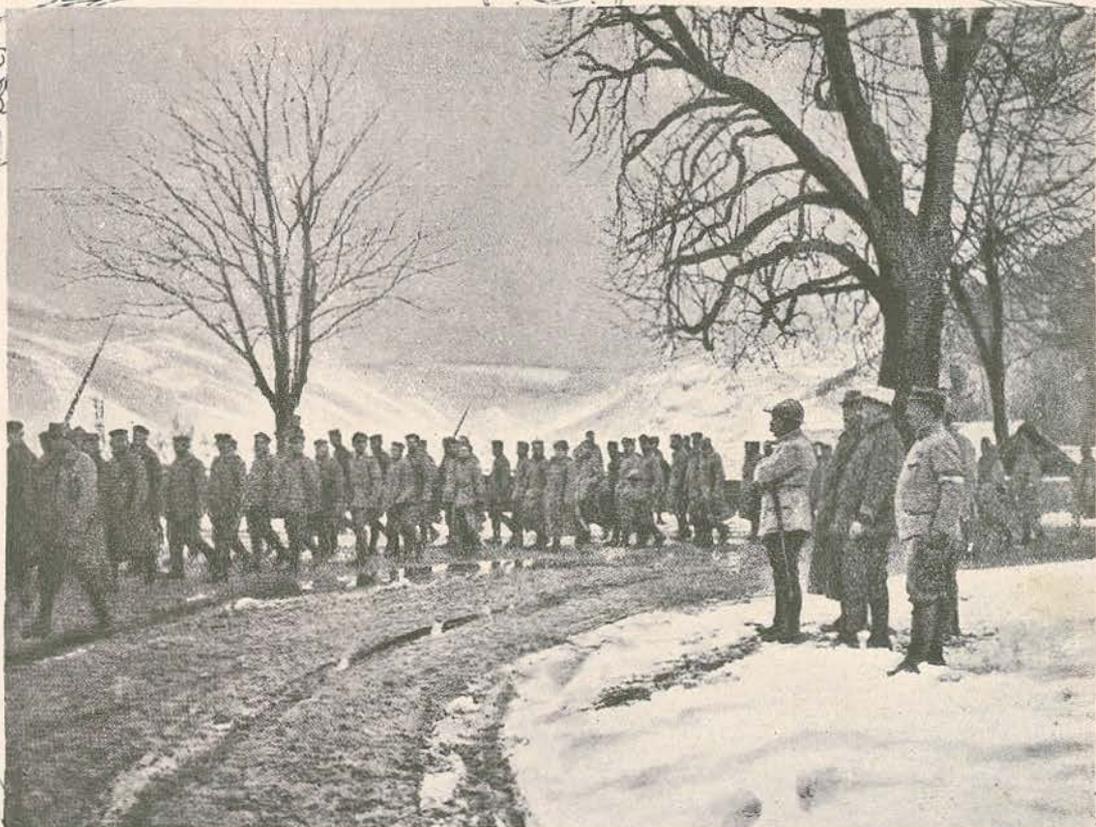
parte-se para a guerra, com a serenidade e a resolução de quem vai cumprir o mais trivial e menos perigoso dos deveres, ou de quem vai simplesmente trabalhar. O inglês, que se preocupava tanto com a sua liberdade

peçoal como o primeiro elemento do trabalho, que constitui a sua grande paixão, habituou-se a deixá-lo e seguir para as trincheiras de uma forma admirável.

(Da Illustrated London News)



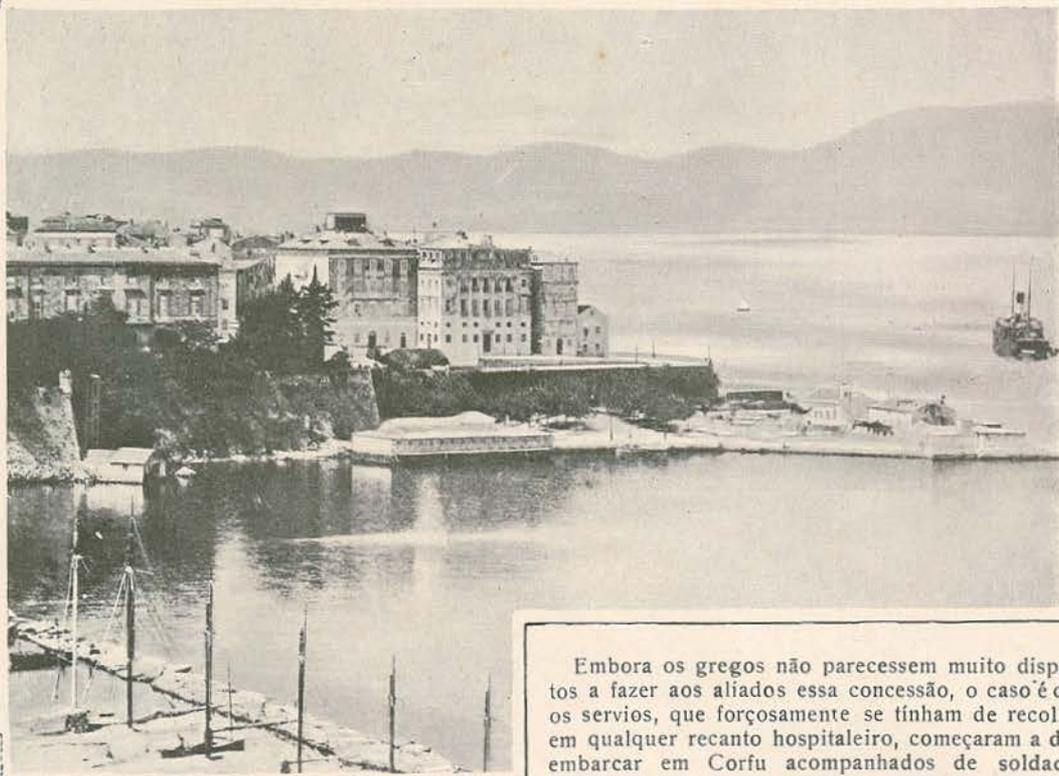
Um tiro de 75 durant- a noite—(Da *Ilustração Francesa*)



Prisioneiros alemães de Hartmannswillerkopf, desfilando deante do general Dubail



O novo comandante do exercito britanico em França, *sir* Douglas-Haig, visita o general Joffre
(Clichês da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração Portuguesa*).



Um trecho da cidade de Corfu

Embora os gregos não parecessem muito dispostos a fazer aos aliados essa concessão, o caso é que os servios, que forçosamente se tinham de recolher em qualquer recanto hospitaleiro, começaram a desembarcar em Corfu acompanhados de soldados francezes.

O kaiser, irmão da rainha da Grecia, possui n'aquella ilha uma esplendida propriedade senhorial, situada n'um dos seus pontos mais pitorescos. Os aliados tomaram posse d'esse palacio e adaptaram-no a um hospital para os infelizes servios. A applicação não podia ser mais justificada.



O palacio Achilleion do Kaiser, em Corfu, transformado em hospital para os feridos servios
(Clichés Chusseau Flaviens).



1. No lago de Gullari—2. Uma rua de Durazzo—(Clichés Chusseau Flaviens)

O amor na frente da batalha



—Queres ser minha?—pergunta o João.
E, mal faz esta pergunta, os dentes do seu forcado despertaram a sensibilidade de uma mina, como ele despertára a da rapariga,
dando-se a explosão e indo ambos pelo ar.

(The Bystander)



BOGDAN

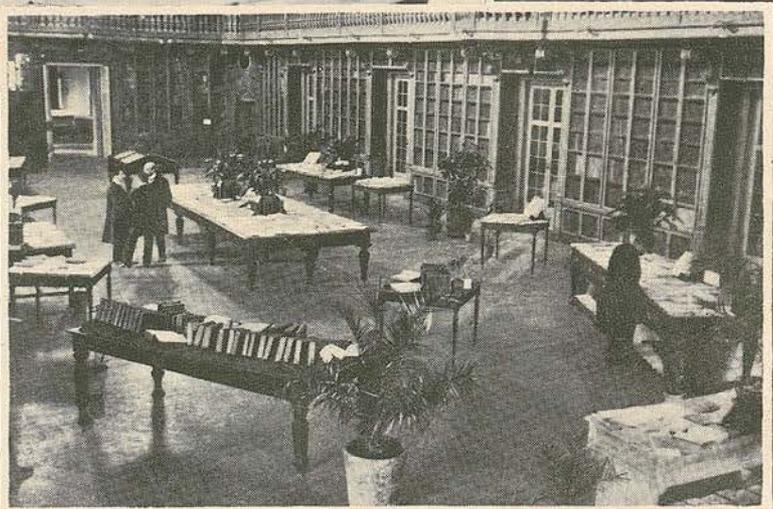


1. *A Europa em 1916:—Certamente que já está agora suficientemente civilizada, não é assim!—(Do grande artista E. Raemackers, do jornal holandês Pro aliados!).*

2. *O Kaiser perante a História.*



Exposição bibliográfica. — Com a assistência do sr. presidente da Republica foi inaugurada na Academia de Ciencias de Lisboa uma exposição bibliografica interessantissima, organizada pelo sr. Alvaro Neves, 1.º official da biblioteca da mesma Academia. A riquissima exposição compreende abundantes obras sobre literatura, historia, medicina, mathematica, fisiologia, ciencias naturaes, floricultura, colo-



O sr. Alvaro Neves, promotor da exposição, etc., muitas das quaes se encontram já exgotadas, existindo nos proprios arquivos da Academia exemplaresunicos. Tanto o sr. dr. Bernardino Machado como os academicos que visitaram a exposição lhe teceram elogios.

1. O sr. Mala Pinto, secretario da presidencia da Republica; dr. Coelho de Carvalho, maior Adolfo Guimarães, dr. Bernardino Machado, presidente da Republica; Henrique Lopes de Mendonça, dr. Almeida Lima e dr. Teixeira de Queiroz—3. Um aspecto da exposição de bibliografia

Bispo de Tuy—

De passagem para a Andaluza, no hotel Central, o sr. bispo de Tuy, que seguiu pela linha do Sul e Sueste para Vila Real, de onde se dirigiu para Ayamonte. O sr. bispo ouviu missa na igreja do Corpo Santo, dos padres irlandezes, e almoçou no palacio da sr.ª condessa de Burnay, á Junqueira, a convite da



mesma senhora. Depois visitou os Jeronimos, o Museu dos Coches Reaes e outros monumentos, sempre acompanhado do sr. dr. D. Tomaz de M. Breyner (Mafra), elogiando a boa disposição do museu e ficando encantado com as belezas arquitetonicas dos Jeronimos. O sr. bispo é o mais novo prelado, pois conta apenas 35 anos de idade.

No jardim do palacio da sr.ª condessa de Burnay. — O secretario do sr. bispo de Tuy, mademoiselle Melo Breyner, a sr.ª condessa de Burnay, o sr. bispo de Tuy, a sr.ª D. Sofia Burnay de Melo Breyner e o sr. dr. D. Tomaz de Melo Breyner (Mafra)

Eduardo Ferreira Pinto Basto. — Causou profundo sentimento no commercio e na primeira sociedade de Lisboa o falecimento do sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, uma das figuras mais preponderantes do alto commercio, onde era muito respeitado pelo seu saber e intelligencia.

O illustre extinto foi durante muitos anos presidente da Associação Commercial de Lisboa, onde prestou relevantes serviços não só áquella instituição, mas ao commercio em geral por propostas apresentadas á assembléa d'aquella coletividade e que tendiam sempre a pugnar pelos interesses da classe a que pertencia, e não foram poucas as leis que arrancou a governos e parlamentos que vieram trazer ao commercio os melhores efeitos praticos para o seu desenvolvimento. A Associação Commercial, como preito ao denodado defensor do commercio, conferiu-lhe a presidencia honoraria da mesma Associa-

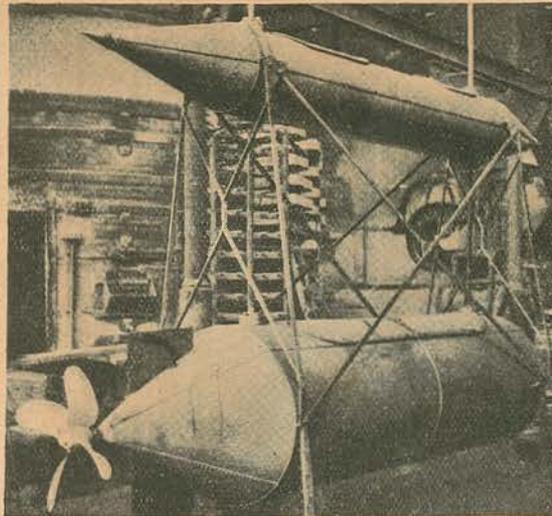


Eduardo Ferreira Pinto Basto

ção, dignidade em que ainda, quando faleceu, estava de posse.

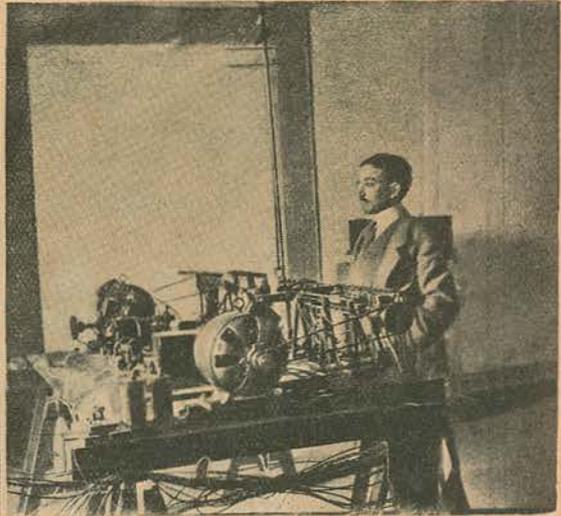
O sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto representava em Lisboa as mais importantes empezas de navegação, espalhando a sua actividade admiravel ainda por outros serviços, taes como os que impendem sobre quem occupa, como ele occupou, os logares de diretor da Companhia dos Tabacos, Telefones, Dondo Grande, Agricola de S. Tomé, Parceria dos Vapores Lisbonenses e Caminhos de Ferro de Benguela, e presidente da comissão de proteção aos indigenas da colonia portugueza da Sociedade de Geografia, sociedade em que igualmente cooperou com a sua intelligencia para o engrandecimento em que ella hoje se encontra. Era pae dos srs. Guilherme, Eduardo e Frederico Pinto Basto e sogro do sr. Antonio Atouguia Pinto Basto, aos quaes a «Ilustração Portugueza» apresenta os seus mais sentidos pezames.

Utilissimos inventos



O teleconio

O capitão de engenharia sr. Antonio Schiapa Monteiro realisou as experiencias de um aparelho que intitulou *Teleconio* e que se destina a dirigir os torpedos de uma maneira pratica e simples, as quaes deram excellentes resultados, experimentando tambem



O inventor do aparelho

na mesma occasião um outro aparelho destinado ás chamadas nas estações de telegrafia sem fios, com o qual uma estação pôde comunicar com outra apenas e não com todas como agora succede. O inventor foi muito felicitado por estes dois inventos.



Judit de Castro, uma creança de 13 anos que se revelou uma grande atriz no desempenho que deu ao papel de «Maria», no *Frei Luiz de Sousa*, que subiu á cena no Teatro Nacional.



O sr. dr. A. Jacinto de Vilhena, lente da Escola de Construções e autor do valioso e utilíssimo tratado *Lições de química analítica*, ha pouco publicado, e que tão grande acolhimento teve dos estudiosos de tão difficil materia.



Já a *Ilustração Portuguesa* publicou uma fotografia do casamento do seu distinto colaborador artistico e official de marinha sr. Julião de Carvalho com a sr.^a D. Joaquina Machado, filha do ilustre presidente da Republica, mas não julgamos que será de mais publicar esta, dos noivos tirada com a maquina do nosso colaborador.



Pessoal do hospital dos Gambos. Primeiro plano, sentados da esquerda para a direita, os srs. Tenente-medico Francisco Cortez Pinto, capitão-medico (diretor do Hospital), José de Paiva Gomes, alferes farmaceutico J. L. Marques da Cunha, segundo sargento-enfermeiro José Maria Francisco, enfermeiro civil José Osmundo Toulson; Segundo plano, os srs. enfermeiro civil Alfredo Eugenio Rodrigues, primeiro cabo enfermeiro Antonio Manuel Aumendra, segundo cabo enfermeiro Abilio Gomes da Silva, enfermeiro civil Vitorino Antonio Casse Mendes, fiel da arrecadação José Diogo, soldado enfermeiro Francisco Ricardo Mendes, Joaquim Lapas de Gusmão, expedicionario e correspondente do «Seculo» durante as operações no Sul de Angola, que ao tempo se encontrava hospitalisado; e o soldado enfermeiro Joaquim A. Corrêa.

A viação na Madeira. — Por iniciativa da junta geral do distrito do Funchal a formosíssima ilha da Madeira acaba de ser dotada de um grande melhoramento, início de outros que irão pouco a pouco realisando-se, conforme o plano da mesma junta, que para esse fim contraiu ha tres anos um empréstimo de setecentos contos. Trata-se da inauguração de uma estrada do Funchal á vila de Santa Cruz, n'uma extensão de vinte e dois quilometros,



Fotografia tirada depois do almoço realizado no «Monte Palace Hotel», em honra do sr. dr. Antonio da Cruz Rodrigues dos Santos, oferecido pelas juntas Distrital e Municipal do Partido Evolucionista da Madeira. Da esquerda, para a direita, sentados, no primeiro plano: Os srs. drs. João Joaquim Teixeira Jardim, Manuel Augusto Martins, Antonio da Cruz Rodrigues dos Santos e Manuel Jorge Pinto Corrêa; segundo plano de pé: Os srs. F. C. Rodrigues, José G. Ribeiro, dr. E. P. dos Santos, J. Q. de Castro, L. P. R. dos Santos, A. F. M. Spronger e C. A. Ferreira; terceiro plano, sentados: os srs. J. A. N. de Carvalho, J. Augusto Duarte Vitor, Antonio Inacio Martins, Artur da Silva Montes e Joaquim José da Silva Vieira.

da qual se admiram lindíssimas e deslumbrantes paizagens.

O dia da inauguração official d'essa estrada foi de verdadeira festa para os povos atingidos por esse melhoramento, que muito contribue para que o numero de turistas cresça, crescendo, portanto, os rendimentos do comercio e industrias locais.

A junta deve-se sentir satisfeita por ver coroado de exito este util melhoramento.



Grupo dos convidados que assistiram á inauguração da nova estrada do Funchal a Santa Cruz. Os srs. 1. dr. Vasco Marques, presidente da Comissão Executiva da Junta Geral do Funchal; 2. dr. Fernando Tolentino, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal; 3. Luiz Pereira Menezes Agrela, presidente da Camara Municipal de Santa Cruz; 4. João Augusto Pino, presidente da Junta Geral do Funchal; 5. dr. Alberto Jardim, vogal da Comissão Executiva da Junta Geral e 6. Marcelo Figueira, vogal da mesma junta.

UM PAVOROSO INCENDIO



1. e 2. Os bombeiros permanentes do quartel do Campo de Santa Clara, srs. Carlos Pereira e José Justiniano Dias, que ficaram sob as paredes abatidas

O Estado acaba de perder um dos seus mais grandiosos e importantes edificios, onde tinha instalado o depósito de fardamentos para o exercito. Todo ele foi preso das chamas que

économica assustadora.

Ha muito que no depósito dos fardamentos se trabalhava com afan na confeção de fardamentos e outras peças de vestuario para o exercito e armada a fim



3 O alferes da guarda republicana sr. José Francisco Rodrigues Cabrita, ferido gravemente—4. O sr. João Batista Ribeiro, chefe de divisão dos bombeiros municipaes, ferido

mãos criminosas atearam, derruin-lo as paredes que as mesmas mãos enfraqueceram nas suas bases, e sob as quaes ficaram os cadaveres de dois bombeiros que não puderam fugir da derrocada, que foi quasi instantanea. Os prejuizos causados pelo hediondo crime são incalculaveis para o paiz, que luta com uma crise

de estarmos prevenidos no caso de uma mobilisação para Portugal entrar no grande conflito europeu.

Calculem-se os milhares de artigos de toda a especie que ali se armazenavam e dos quaes poucos se salvaram da imensa lareira em que se transformou o belo e grandiosissimo edificio!



5. O bombeiro sr. Luiz Duarte Dias, ferido—6. O bombeiro sr. Alfredo Celestino do Carmo, ferido—7. O bombeiro sr. José da Costa Antunes, ferido—8. O bombeiro sr. Alfredo Moura, ferido



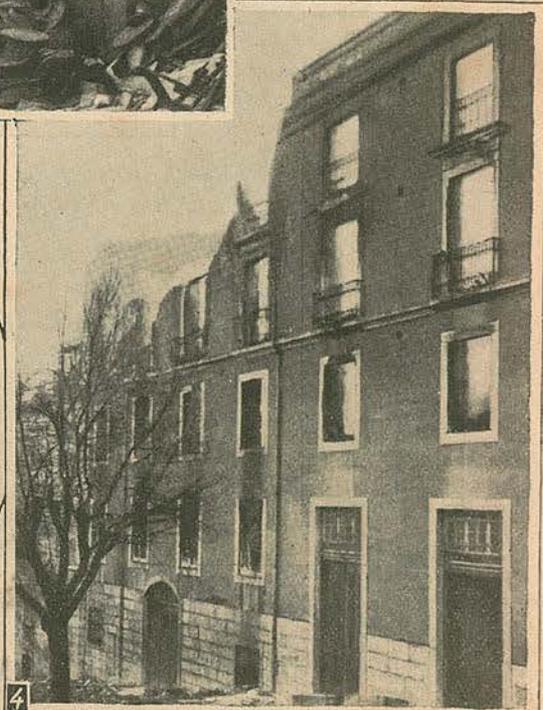
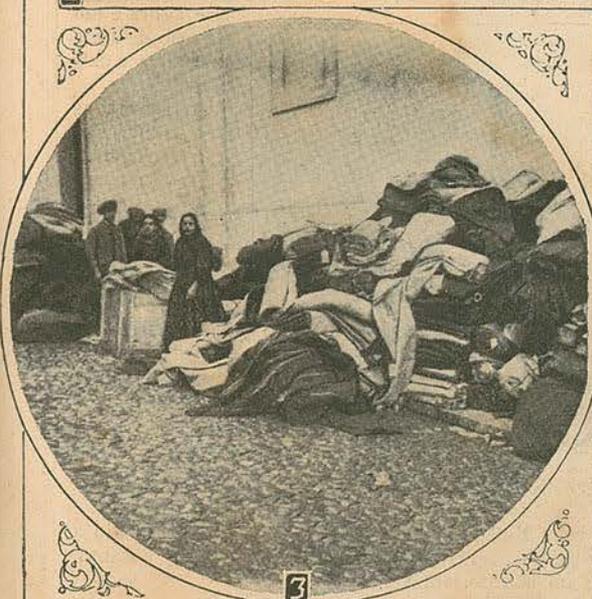
Os bombeiros trabalhando no rescaldo

E' grande o numero de feridos n'esse pavoroso incendio que não houve maneira de debelar pelo pouco tempo que levou a alastrar-se, pois irrompeu de varios pontos no mesmo momento, o que veiu demonstrar que houve crime. E para que tudo contribuisse para que o prejuizo fosse total, até a falta de agua se fez notar espantosamente, o que é preciso providenciar para evitar no futuro analoga falta.

A justiça trabalha na descoberta dos criminosos de uma fórmula que só tem merecido louvores. Todos anseiam por que eles se descubram a fim de lhes ser dado condigno castigo, não só como incendia-

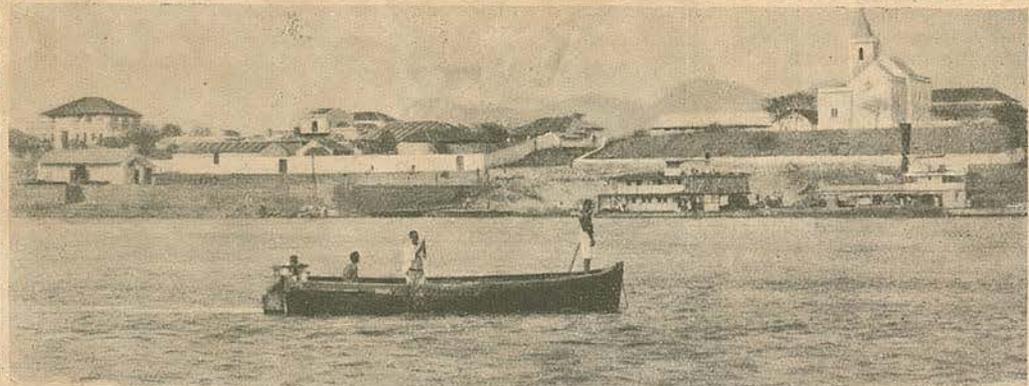


rios mas como anti-patriotas, que procuraram na destruição do armazem de fardamentos para o exercito crear embarçós ao governo, obstando a que este deixe de honrar compromissos tomados com uma das mais importantes nações aliadas que combatem desesperadamente as leonias dos inimigos da civilisação.



1. O chefe de divisão do corpo de bombeiros sr. Luiz Caetano Pereira de Carvalho, informando o sr. Norton de Matos, ministro da guerra, e o sr. major Vasconcelos Dias, diretor interino do deposito de fardamentos, da maneira como decorreram os serviços de salvação—2. Condução de salvados para o deposito provisório—3. A que ficou reduzido o edificio do deposito de fardamentos, vendendo-se o lanço da parede que desabou e soterrou os dois bombeiros—4. Alguns salvados junto do conventinho do Desagravo, guardados pelos operarios do deposito de fardamentos—(Clichés Benoiel).

A VILA DE TETE



Um trecho da vila de Tete



Um grupo de indígenas no mercado

arrojados e audazes navegadores e aventureiros, fundaram no interior dos sertões africanos.

A sua fundação, dizem uns, data do século XVI e deve-se a missionários portugueses; outros, porém, dizem, e entre estes Lourenço Malheiro, que do século XV e foi fundada por comerciantes portugueses que a ambição do ouro levára a internarem-se pelo sertão dentro estabelecendo as suas feitorias e fundando as vilas de Sena e Tete, sendo então, em 1505, capitão de Sofala, Pero de Anhaia, que lançava os primeiros fundamentos da

A vila de Tete ergue-se magistosa na margem direita do rio Zambeze, a 500 kilometros da sua foz e é uma das mais antigas povoações que os nossos antepassados,

nossa actual colonia de Moçambique, levantando fortes e assegurando a conquista.

Seja como fôr, o que é facto é que Tete é uma terra bem portugueza, pois que quasi toda a sua população, os naturaes, designados por «mesungos» (brancos) são descendentes de portugueses.

O distrito de Tete, que é riquissimo, não recebeu beneficio algum da monarchia.

Tete, se excetuarmos o rio Zambeze, não tem meios de comunicação alguns, e mesmo aquele deixa-nos isolado de todo o mundo durante os mezes da séca, que muitas vezes vae de agosto a janeiro!

Sendo então só navegavel do Chinde a Maturara onde são depostos os mantimentos que Tete ali manda buscar em pequenas lanchas que teem a galgar um percurso de 250 kilometros por pequenos canaes que a agua a medo vae rompendo pelo estuario do rio

que agora é um deserto de areia movediça e calcinante.

As trovoadas que aqui são horroveis, começam em novembro, secas e formidaveis, e a temperatura chega a elevar-se a quarenta e sete graus centigrados á sombra!

Em janeiro começa o cair das chuvas abundantes, que se prolongam até março e

abril. Então o rio Zambeze, que estava reduzido a ribeiros, transforma-se quasi, como por encanto, n'um mar formidavel.

A's vezes são tão bruscas as cheias que, no seu alargamento e caminhar de gigante, arrasta no seu turbilhão as vidas d'alguns pobres negros á mistura com os seus gados e have-



Uma aldeia cafre na margem direita do rio Zambeze



Um casamento de europeus em Tete. Os noivos são o sr. Augusto Marques dos Santos, secretario da camara municipal.

res, mas a navegação está garantida por seis meses!

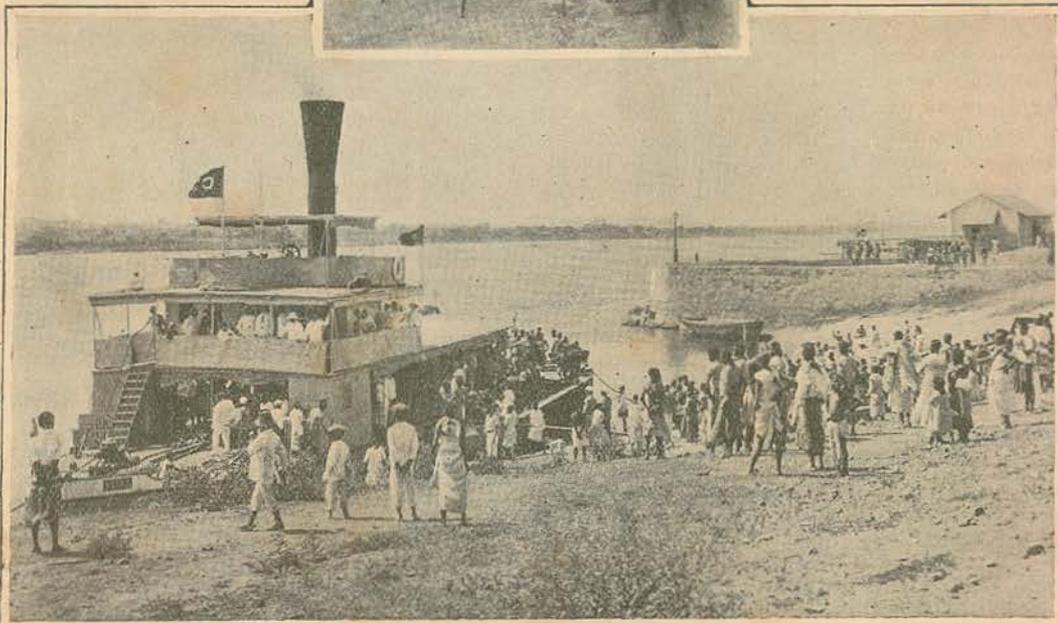
O distrito de Tete é o mais rico da provincia, porém, o menos explorado.

Se excetuarmos a Muchena, onde existem a borracha e outras culturas em grande explora-

e a sr.^a D. Alice Maria Quedas, de 17 anos, filha do sr. José Henrique Quedas, chefe das obras publicas do distrito

ção e de que é proprietario o distinto colonial e infatigavel trabalhador, sr. Rafael Bivar, o resto jaz inexplorado, indubitavelmente á espera de meios rapidos que dêem saída aos seus productos mineraes e agricolas.

Alfredo Augusto da Carvalho



2. As donas—3. O vapor *Luta*, da Companhia da Zambesia, atracado ao caes — (Clichés do autor)

TEATROS

«COIMBRA, TERRA D'AMORES» no Teatro Nacional

Vicente Arnosó não tem um inimigo, como a sua peça em cêna no Teatro Nacional não tem uma figura, um aspecto ou uma situação em que não vibre essa mesma nota de simpatia que é um dos encantos do seu convívio.



Vicente Arnosó,
autor da peça *Coimbra, terra d'amores*

Trouxe de Coimbra esse delicado espirito de alegria, de dispersiva e bohemia sensibilidade que nenhuma nuvem ensombra. Ficou assim — coimbrão, estudante, lirico e afetivo por toda a vida. A sua alma traça uma perpetua capa e batina — e na sua lira o Choupal soluça saudades e amores.

Foi de tudo isto, do melhor do seu temperamento e da melhor poesia do seu coração, eternamente fantasista e enamorado, que o artista d'*As cantigas leva-as o vento*, tirou a doce emoção e a singela ternura da sua evocação dramática: tres quadros pequeninos, tres aguarelas breves, em que um rancho de tricanas e estudantes amavelmente passa e que o publico aclamou com inteira justiça. Na sua primeira obra teatral, Vicente Arnosó fez triunfar a sua encantadora simplicidade — e todos aqueles que amam a mocidade e a alegria agradecerão ao poeta a linda su-



gestão de côr e de pitoresco que lhes deu.

A obra de Vicente Arnosó é enquadrada n'uma encenação brilhante de Carlos Santos e em excelentes cenários de Mergulhão.

O desempenho da companhia do Teatro Nacional é muito bom.

REABERTURA DO TEATRO REPUBLICA

Lisboa teve ha algumas noites o prazer de vêr reabrir o Teatro Republica, reconstruido sobre as ruinas do antigo Theatro D. Amelia.

A nova sala de espetaculos é colorida, elegante, clara. Os seus tons brancos, dourados e roseos dão lhe um aspeto ligeiro e alegre. Todas as outras

Visconde S. Luiz Braga
empresario do Teatro Republica



dependencias do teatro são modelares.

A reabertura efetuou-se com a representação d'*Os Postiços*, de Eduardo Schwalbach, que obteve o exito de sempre.

Este ilustre dramaturgo pronunciou tambem, antes do espetaculo, algumas palavras cheias de brilho, recordando as gloriosas tradições do teatro.



Inácio Peixoto, que realiso a sua festa artistica no *Pollteam*, com o drama *A vida de um rapaz pobre*

(Ilustrações de Hipolito Colomb).

A. de C.